

A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM EM A TURMA DA MÔNICA

Luciana da Costa Quintal
professoralucianaquintal@gmail.com

... o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal. (Ferdinand de Saussure)

1. O gênero em quadrinhos: a evolução do veículo de comunicação

A utilização de desenhos para a comunicação atravessou milênios. Hoje, associados à linguagem verbal, as histórias em quadrinhos ganharam grande espaço na mídia escrita. A importância do gênero é reconhecida, após a revolução cultural sofrida na pós-modernidade, com a geração da informática e da informação, por sua contribuição para a educação e pelo prazer de ler. Por decorrência da abordagem contínua acerca desse tema, será exposta como HQs, sigla já usada em suas fontes.

Apesar de a ilustração como atividade comunicativa ter as suas raízes na pré-história, os quadrinhos surgiram na Europa e eram predominantemente em caricaturas e humor. Em seu desenvolvimento evolutivo – conforme dito por Sonia Bibe Luyten, em *O que é história em quadrinhos?* (LUYTEN, 1985, p.12) – seus textos passaram do rodapé para junto dos personagens e, logo, foram incorporados os balões, diferencial primordial da linguagem das HQs.

Com temas e estilos diversos, as HQs antes veiculadas somente pelos jornais, hoje ganharam autonomia por conquistarem o seu espaço em gibis próprios, meio de comunicação exclusivo. A primeira fase de circulação do gênero levou a serem consideradas

como discurso jornalístico, mas logo tomaram outras categorizações, pois possuem linguagem linguístico-cognitiva e rico material pedagógico em semioses verbais e não-verbais. Hoje, as HQs são encontradas desde em bancas, como nas livrarias e na internet.

Elas são de fácil identificação, pelo reconhecimento de suas peculiaridades: balões, quadros e desenhos. Entretanto, a sua classificação de gênero é complexa, pois existem muitos critérios utilizados na formulação dos quadrinhos. Essa dificuldade de reconhecê-lo ocorre por haver uma diversidade de discursos em sua expressão visual.

O enredo é planejado através da incorporação da linguagem verbal que completa o que sugerem as imagens. Este recurso tecnológico das HQs assemelha-se às narrativas cinematográficas e de desenho animado, diferenciando-se apenas porque, nos quadrinhos, o movimento é relacionado e disposto em sequências narrativas que exigem maior esforço por parte do leitor em construir os sentidos.

Logo, a caracterização do gênero HQs se manifesta através de suas composições em quadrinhos em sequência narrativa, caracterizados como um gênero icônico-verbal, cuja progressão temporal é organizada em quadrinhos, desenhos, balões e texto verbal. Elas carregam traços característicos na reprodução da fala, na maioria das vezes em tratamento informal, interjeições e reduções vocabulares. Sua principal característica é funcionar como meio de comunicação de massa junto ao desenvolvimento tecnológico da sua produção de modo a facilitar a compreensão ao leitor através da associação de imagens, cores, frases e até sons (onomatopeias).

Na composição dos quadrinhos, os balões são as características principais, pois eles têm a função de expressar a fala de seus personagens em diferentes tons de humor e das reações mais diversas tais como surpresa, raiva, alegria, medo, desaprovação, sono, e, assim, fazendo parte da imagem em questão. Suas formas variam de acordo com o objetivo do autor em passar a mensagem, como exemplificado no exposto a seguir, proporcionando melhor compreensão e economia, tanto visual como comunicativa:



Fig. 1: <http://www.turmadamonica.com.br/index.htm> (Página Semanal 144)

Na historinha acima, numa brincadeira metalinguística com o próprio artifício das HQs, se podem analisar três diferentes tipos de balões: o balão-fala; o balão-pensamento e o balão-trêmulo. O primeiro, o mais comum, transcreve as falas dos personagens; o segundo, em sua forma peculiar, apenas descreve o que o personagem está pensando no momento da ação; já o último expressa sempre algum tipo de emoção. No caso da personagem Mônica, a raiva.

Outros recursos comunicativos utilizados são as onomatopeias, linguagem figurada que se expressa por meio de palavras nos quadrinhos a fim de traduzir certos sons e ruídos na língua escrita. Os balões onomatopaicos apresentam efeitos sonoros que surgiram, primeiramente, na língua inglesa, por ser um idioma mais sintético, e, assim, ganhavam proximidade com a realidade, assemelhando-se prontamente ao ruído expresso.

Convencionou-se, na tradução das onomatopeias para os quadrinhos brasileiros, sua transcrição como meros signos visuais na linguagem das HQs. Alguns desses ruídos, tal como “gulp”, que em

inglês significa tragar; engolir; devorar; sufocar e suas correlações; são usados nos quadrinhos nacionais de maneira que se aproxime apenas do som, sem valor semântico. Neste caso, uma das onomatopéias usadas é o “glu”, como veremos no quadrinho a seguir:



Fig. 2: <http://www.turmadamonica.com.br/index.htm> (Página Semanal 120)

No Brasil, embora ainda predomine a produção estrangeira de HQs, não é necessário que se haja uma preocupação com estrangeirismos ou a possível descaracterização do nacional, pois desenhistas como Maurício de Sousa já demarcaram as HQs brasileiras como produtos meramente nossos.

As histórias em quadrinhos já não são mais meros produtos de consumo e sim marca da nova literatura contemporânea. Desse modo, a descoberta da criação artística através do gênero quadrinhos pode e deve funcionar como elemento formador e conscientizador do mundo para o mundo. Hoje, a quadrinização assume seu lugar de relevância na leitura, confirmando o grande nível de excelência a que se chegou a produção brasileira deste gênero.

2. *A evolução da linguagem*

Quando tratamos de evolução linguística, falamos também sobre a evolução dos tempos. Tudo o que evolui com o passar dos anos, influi na linguagem de uma mesma comunidade. Dessa forma, a produção das histórias em quadrinhos preocupa-se com este acompanhamento, utilizando-se da inclusão de novos recursos linguísticos de acordo com o período em questão.

Sendo assim, observamos a evolução de A Turma da Mônica que completou, em 2009, 50 anos de existência, tornando-se impossível passarem despercebidas as inúmeras transformações que sofreu durante todo este tempo. Para a realização deste trabalho, a respeito da inclusão de novos recursos linguísticos na obra de Maurício de Sousa, foram analisadas obras desde a década de 60 até os dias atuais. E, Para demonstrar este fato, foram selecionadas certas características que ajudam a demarcar o tempo de sua publicação. Dentre elas destacamos: as atualidades, a simplificação, os estrangeirismos, a linguagem de internet (o “internetês”), as gírias, a reforma ortográfica e a variação linguística. Estes temas serão expostos nos exemplos apresentados nos tópicos que se seguem.

2.1. As Atualidades



Fig. 3:
Almanaque da Mônica, 1979, N. 04



Fig. 4:
Magali. Ano 2004, N. 375

Para começar a falar de atualidades, se pode observar que o primeiro quadrinho não corresponde à época em que nos encontramos, pois vemos um artigo que, para muitos jovens, pode ser desconhecido: o filme fotográfico. Este quadrinho pertence ao final da década de 70, enquanto o segundo quadrinho é do final dos anos 90. Este apresenta um novo conceito em fotografia – não para nós, habitantes da era digital – trazendo uma máquina fotográfica de revelação instantânea.

No próximo quadrinho, temos uma referência olímpica: Ricardo Prado, que conquistou a medalha de prata na natação, modalidade 400 metros *medley*, nas Olimpíadas de Los Angeles, em 1984. Curioso é que, nosso atual campeão das piscinas, nosso ídolo brasileiro desde 2008, Cesar Cielo, nem havia nascido ainda.



Fig. 5: *Cascão*, 1986, N. 94.

2.2. A Simplificação

A questão da simplificação acontece na nossa língua desde o latim, principalmente na oralidade. Logo, como as histórias em quadrinhos buscam aproximar a língua escrita da língua falada, com o passar do tempo, vemos cada vez mais palavras simplificadas, seja na conjugação dos verbos, seja no próprio uso dos substantivos.



Fig. 6: “não é”, no ano 1991.
Almanaque do Cebolinha, 1991, N. 13



Fig. 7: “né”, no ano 1998.
Mônica. Coleção Um Tema Só, 1998, N. 20

2.3. Os estrangeirismos

Ao fato de o nosso país abranger pessoas de diversas gerações e de diversas regiões do mundo, está ligada a evolução da nossa linguagem, sendo assim, a nossa língua ganha vários recursos. E, justamente pela influência de outras culturas, entram os estrangeirismos. Algumas expressões já foram “abrasileiradas” e outras se integram ao português ainda com a forma original.

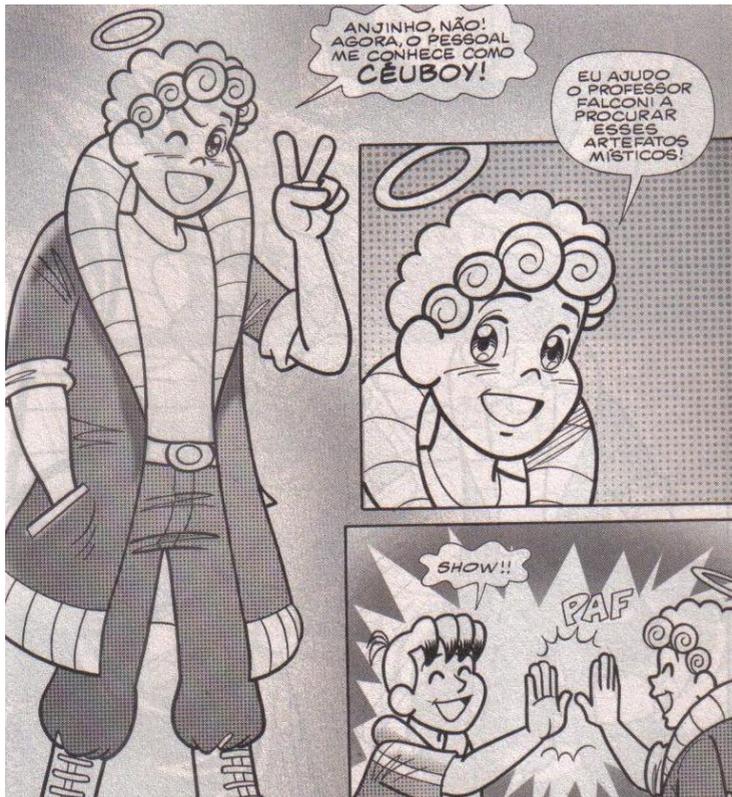


Fig. 8: “céuboy” e “show”, no ano 2008. *Turma da Mônica Jovem*, 2008, N. 01

2.4. O “internetês”

A linguagem de internet, o internetês, é a linguagem utilizada no meio virtual, mais precisamente nas conversas instantâneas, nas salas de bate papo e até mesmo em *sites* onde há um máximo de caracteres exigidos. Como o computador tem sido um meio de comunicação muito utilizado no mundo contemporâneo, principalmente entre os jovens, as pessoas passaram a abreviar as palavras e, logo, estas ganharam uma configuração padronizada. É uma prática comum no âmbito da informática que, acostumados com a rapidez do mundo moderno, a utilizam como meio de agilizar e dinamizar as conversas.



Fig. 9: “naum” e “vc”, na década de 00. *Turma da Mônica Jovem*, 2008, N. 02

2.5. As gírias

As gírias são vocábulos e expressões utilizadas por certos grupos sociais. Ao fato de estarem divididas por classes, se pode agregar também que cada época necessita de uma nova gama de palavras e expressões, de acordo com o seu grupo de falantes. Isso significa dizer que nem sempre se trata de uso de palavras não convencionais designando outras palavras, mas também de usos populares que se aplicam somente a um determinado período.



Fig. 10: “tô bege”, no ano 2009. *Turma da Mônica Jovem*, 2009, N. 10



Fig. 11: “diacho”, na década de 70. *Almanaque da Mônica*, 1979, N. 04

Assim, pode ser observado que os personagens de “A Turma da Mônica” não trazem necessariamente jargões próprios, mas revelam dizeres que correspondem ao período de enunciação de suas falas. Logo, podemos ver nos quadrinhos abaixo os usos “diacho” e “tô bege!”.

No primeiro caso, conforme Aurélia: a Dicionária da língua afiada (LIBI, 2006), temos uma amostra da linguagem popular, que significa “diabo”, mas de forma eufemística. Dessa forma, a palavra “diacho” não carrega o seu sentido denotativo, pois é usada como uma interjeição de impaciência, usada na década de 70 e nem tão usual atualmente. Já no segundo caso, temos uma expressão que significa “tô boba”, ou “tô passada”, exprimindo surpresa através da fala da personagem Magali – que agora é pertencente a outra comunidade linguística, pois é uma adolescente nos dias atuais.

2.6. A reforma ortográfica

Desde a década de 60, a Turma da Mônica acompanha algumas alterações na ortografia da nossa língua. Nos anos de 1971 e

1973 foram promulgadas alterações em Portugal, reduzindo as divergências ortográficas com o Brasil. Em 1975, Brasil e Portugal elaboraram novo projeto de acordo, que não foi aprovado oficialmente.

Em 1996, o Acordo Ortográfico foi apenas ratificado por Portugal, Brasil e Cabo Verde. E, enfim, em 2008, o Acordo Ortográfico de 1990 foi aprovado por Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Brasil e Portugal, e implementado no início de 2009.

Nos quadrinhos de “A Turma da Mônica”, foi destacada a mudança do verbo “parar” através do uso de “pára” (2002) e “para” (2009), designando a conjugação na segunda pessoa do singular, no modo imperativo. Depois do novo acordo, esse acento gráfico diferencial – que era usado para distinguir da preposição “para” - tornou-se facultativo.

Desde a década de 60, a Turma da Mônica acompanha algumas alterações na ortografia da nossa língua. Neste trabalho, foram observadas as mudanças do Acordo Ortográfico de 1990, que foi aprovado em 2008. Como a sua implementação começou no início de 2009, analisamos obras anteriores e posteriores a este ano para demonstrar esta evolução.



Fig.12: *Almanaque da Mônica*. Ano 2002 – Número 91



Fig.13: *Cebolinha*. Ano 2009 – Número 32

2.7. A variação linguística

O fato de o Brasil inteiro falar a mesma língua, não significa dizer que exista uma unidade linguística. Todos nós falamos o português, mas há de se reconhecer que em cada canto do país, em cada grupo social e até mesmo em cada profissão, ocorre a variação linguística. Ela nem sempre é demonstrada na escrita, pois não é reconhecida a sua devida importância. A começar pelos próprios livros didáticos, que não expõem a variação como uma das formas de comunicação da nossa língua. Sobre este tema, destacamos a opinião a seguir:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 1999, p. 15)

No caso do personagem em questão, não se trata de falta de instrução, pois Chico Bento tem acesso à escola. Trata-se de uma va-

riação regional por ser habitante de uma região não central, confirmando que o Brasil, apesar de ser um país monolíngüe, não possui homogeneidade linguística. Felizmente, Maurício de Sousa soube reconhecer esta diferença com a evolução de suas HQs.

inclu-



são

Fig. 14: “vou”, na década de 70. *Almanaque da Mônica*, 1979, N. 04



Fig. 15: “vô”, na década de 90. *Chico Bento*, 1996, N. 259

3. Conclusão

A nova era aproxima o antigo ao novo como instrumento importante que provoca maior interesse entre o seu público. Este estímulo funciona como um despertar da curiosidade e como uma nova fonte de aquisição de conhecimento de outros conteúdos. Particularmente para este trabalho, pode ser visto que as histórias de A Turma da Mônica servem é, sim, rica ferramenta em prol do amadurecimento lingüístico e cultural do homem contemporâneo.

Há de se acrescentar também que, além dos estudos específicos a que podem se dedicar os gibis, a inserção de novas linguagens também funcionam como fonte de conhecimento para os nossos alunos. Com a evolução do pensamento quadrinista, junto à nossa evolução lingüística, progridem os recursos do cinema, da música, do esporte e, principalmente, da abordagem didático-pedagógica, que contribuem intensamente para o nosso gibi para a integração destas linguagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 43ª. Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GUSMAN, Sidney. *Maurício quadrinho a quadrinho*. São Paulo: Globo, 2006.

LIBI, Fred. VIP, Ângelo. *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. *O que é história em quadrinhos?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

MOYA, Álvaro de. *História da História em Quadrinhos*. Porto Alegre: L & PM, 1986.

SOUSA, Maurício. *Turma da Mônica*. Disponível em: <http://www.turmadamonica.com.br/index.htm>. Acesso em: 20 abr. 2010.

_____. *Almanaque da Mônica*, 1979, N. 04.

_____. *Magali*, 2004, N. 375.

_____. *Cascão*, 1986, N. 94.

_____. *Almanaque do Cebolinha*, 1991, N. 13.

_____. *Mônica. Coleção Um Tema Só*, 1998, N. 20.

_____. *Turma da Mônica Jovem*, 2008, N. 01.

_____. *Turma da Mônica Jovem*, 2008, N. 02.

_____. *Turma da Mônica Jovem*, 2009, N. 10.

_____. *Almanaque da Mônica*, 1979, N. 04.

_____. *Almanaque da Mônica*, 2002, N. 91.

_____. *Cebolinha*, 2009, N. 32.

_____. *Almanaque da Mônica*, 1979, N. 04.

_____. *Chico Bento*, 1996, N. 259.